

PROTOCOLOS TERAPÊUTICOS NA DENGUE TIPO C: ANÁLISE SOBRE DESFECHOS CLÍNICOS COM O USO DE SOLUÇÕES CRISTALOIDES E COLOIDES

Carolina De Marqui Milani^{*1}, Cárta Chagas Gomes^{*1}, Danielle Lobato Gouveia Flosi^{*1}, Micaela Graciane Borges^{*1}, Rafaela do Nascimento Thomé^{*1}, Ryan Viana Vilela^{*1}, Sueli Regina Bonfim^{*1}, Sandra Maria Lucatto Lobato^{*1}

^{*1}FACERES – Faculdade de Medicina, São José do Rio Preto, São Paulo, Brasil.

Autor Correspondente: Carolina De Marqui Milani

e-mail: carolinademarqui@gmail.com

1. Introdução: A dengue, uma doença viral transmitida pelo *Aedes aegypti*, continua sendo um dos principais desafios de saúde pública no mundo, sobretudo em nações tropicais e subtropicais. A dengue tipo C, que inclui casos graves com sinais de alarme ou choque, é uma das manifestações clínicas mais complexas do ponto de vista terapêutico e com alta taxa de morbimortalidade. O tratamento desses pacientes requer uma abordagem rápida e cuidadosa, focando no suporte hemodinâmico e na prevenção de problemas causados pelo aumento da permeabilidade capilar, hemoconcentração e instabilidade cardiovascular. A fluidoterapia precoce e adequada é fundamental para o tratamento e está diretamente ligada à diminuição da mortalidade. Contudo, ainda há controvérsia quanto à solução intravenosa mais adequada: os cristaloides, como ringer lactato e solução fisiológica, são amplamente recomendados como primeira linha; no entanto, pesquisas recentes indicam que os coloides, especialmente a albumina, podem oferecer vantagens extras em certos perfis clínicos. A discussão sobre a segurança, custo-benefício e viabilidade dessas opções destaca a importância de revisões críticas da literatura, que podem guiar a criação de protocolos mais eficazes. Nesse cenário, entender as evidências recentes sobre o uso de diversos fluidos é essencial para melhorar a prática clínica e diminuir a mortalidade por dengue grave. **2. Objetivo:** Analisar criticamente os desfechos clínicos com o uso de diferentes tipos de fluidos intravenosos no manejo da dengue tipo C. **3. Métodos:** Trata-se de uma revisão integrativa da literatura. Foram incluídos artigos publicados entre 2021 e 2025 nas bases PubMed, Scopus e LILACS, utilizando os descritores "Dengue Fever" and "Intravenous Fluid". Após critérios de elegibilidade e leitura crítica, foram selecionados seis estudos. **4. Resultados:** A análise revelou que a administração precoce de albumina 5% em adultos hospitalizados com dengue hemorrágica grau I e II demonstrou melhor controle da permeabilidade vascular e função endotelial quando comparada à solução de ringer lactato. Em crianças com dengue grave refratária a cristaloides, a infusão de albumina também mostrou vantagens clínicas significativas. Por outro lado, o uso indiscriminado de fluidos em adultos sem choque foi associado a maior risco de progressão para formas graves e eventos adversos. A razão entre coloides e cristaloides na ressuscitação inicial se correlaciona com desfechos clínicos em pacientes pediátricos com síndrome do choque da dengue. Os desfechos analisados reforçam a necessidade de individualização da fluidoterapia, considerando fatores como estágio clínico, idade e resposta ao tratamento. Estudos de caso também evidenciam a complexidade do manejo em situações específicas, como coinfeções ou comorbidades. **5. Conclusões:** O protocolo

de tratamento da dengue tipo C deve ser guiado por uma abordagem individualizada e dinâmica. Evidências recentes apontam que a albumina, quando utilizada de forma precoce e criteriosa, pode representar uma alternativa superior aos cristaloides em pacientes com comprometimento hemodinâmico ou refratariedade ao tratamento padrão. No entanto, seu uso exige cautela quanto à indicação e monitoramento, especialmente fora do contexto de choque. São necessários mais estudos multicêntricos para consolidar diretrizes específicas, particularmente em populações pediátricas e em fases precoces da doença.

6. Palavras-chave: Dengue Grave; Fluidoterapia; Albumina; Soluções Cristaloides.